

RECICLAR É VIDA: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ATUANDO NA PERSPECTIVA SOCIOAMBIENTAL¹

**Hardalla do Valle², Lucia Nobre³, Eder Dion de Paula Costa⁴, Adriana Mendes⁵,
Jadna Rodrigues⁶, Bruno Farias⁷**

RESUMO: O projeto Reciclar é Vida, é uma intervenção que possibilita a conscientização de acadêmicos, técnicos e professores da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Esta proposta busca como objetivos principais: a coleta seletiva de lixo na Instituição, bem como o destino destes resíduos a cooperativas de catadores. Prática esta, que viabiliza alternativas de geração de trabalho e renda, dentre as quais: o surgimento do empreendimento popular Reciclar é Vida e o fortalecimento da Associação Vitória, na Vila da Quinta, um distrito do município do Rio Grande. Constatamos a importância desta ação pelo relato do grupo de mulheres que teve um aumento na sua renda familiar através da coleta seletiva da universidade, possibilitando assim, melhoria da qualidade de vida desses sujeitos. Outra evidência é o processo de emancipação humana que se percebe nas relações vivenciadas pelos integrantes dos grupos, práxis desencadeada pela educação popular e economia solidária, base do trabalho realizado pelo Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico - NUDESE, unidade vinculada a Pró-reitoria de Extensão e Cultura da FURG.

PALAVRAS CHAVE: coleta seletiva, geração de trabalho e renda, extensão

INTRODUÇÃO

“Podemos falar sobre o futuro, visualizar o futuro, mas se queremos este futuro teremos que agir.”

Daryl Kollman

Como afirma DARYL KOLLMAN, muito se discute sobre o que realmente deve ser feito para gerar um amanhã mais digno e igualitário, principalmente, dentro das universidades. Com efeito, o que estamos propondo nesse artigo é a discussão sobre a prática, sobre a importância e necessidade de construir algo concreto que elucide o real valor da teoria, e nessa perspectiva, utilizamos como exemplo do que pode ser feito e fonte de reflexões, o projeto “Reciclar é vida” um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

¹ Original e Inédita

² Graduanda em História, NUDESE, Campus Cidade, FURG, Rio Grande, RS.

³ Especialista, Administradora, Técnica Administrativa em Educação, NUDESE, Campus Cidade, FURG, Rio Grande, RS, lucianobre@furg.br.

⁴ Prof. Doutor, Direito, NUDESE, Campus Cidade, FURG, Rio Grande, RS.

⁵ Mestranda em Educação Ambiental, Licenciada em História, NUDESE, Campus Cidade, FURG, Rio Grande, RS.

⁶ Pedagoga, NUDESE, Campus Cidade, FURG, Rio Grande, RS.

⁷ Geógrafo, NUDESE, Campus Cidade, FURG, Rio Grande, RS.

A vontade de expor esse trabalho surgiu a partir das expectativas do coletivo do projeto realizado pela FURG, pois em nosso cotidiano, observando a garra e as mudanças ocorridas nas vidas de quem trabalha no “Reciclar é Vida” e até mesmo nas nossas vidas. Podemos ter a certeza que vale a pena lutar pela realização dos nossos sonhos, que vale a pena apostar no ser humano, e por isso julgamos essencial compartilhar com outras pessoas nossa experiência.

Assim sendo, para a melhor compreensão do leitor sobre os diversos aspectos que serão abordados nesse artigo, começaremos contando um pouco sobre o projeto “Reciclar é Vida” desde sua criação. Logo após, discutiremos a importância da concretização efetiva da relação ensino e pesquisa associada à extensão, e por último o papel das universidades como um importante meio disseminador dos princípios da consciência socioambiental, que são tão necessários.

RECICLAR É VIDA: UMA PROPOSTA DE CONSCIENTIZAÇÃO

O projeto foi idealizado a partir de uma proposta pedagógica, durante a Especialização em Gestão Empresarial na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, pela disciplina de Instrumentos econômicos aplicados a Administração de Recursos Naturais e ambientais, onde foi proposto um trabalho que demonstrasse os conhecimentos sobre a disciplina, e a partir da vontade de unir prática, teoria, começou-se a pensar em algo que pudesse integrar esses elementos, nascendo assim o primeiro esboço do projeto “Reciclar é Vida”, que almeja obter a conscientização da comunidade universitária e a geração de trabalho e renda.

No ano seguinte, 2005, depois de unir mais alguns parceiros, como o Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico - NUDESE e o Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - CAIC foi possível apresentar o projeto a Superintendência de Extensão e o resultado obtido, foi a integração do “Reciclar é Vida” aos projetos de extensão da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Em parceria pudemos selecionar as mães de alunos do CAIC para estimulá-las a beneficiar o papel que é o maior resíduo da Universidade, pois com o beneficiamento sabíamos que agregaríamos valor ao produto, e isso acarretaria em renda para essas famílias. Dessa forma, essas mulheres começaram a sonhar junto conosco, todas estimuladas por um único ideal: a possibilidade de mudar suas realidades.

O restante dos resíduos tais como: plástico, metal e vidro são pesados, registrados e enviados a Associação Recicladora Vitória na Vila da Quinta. Este empreendimento tem o acompanhamento sistemático pelo Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico.

Percebe-se junto às beneficiadas pelo projeto que ocorreram transformações em sua auto-estima, sendo que tal proposta possibilitou uma alternativa de renda a suas famílias que se encontravam em situação de vulnerabilidade socioambiental. Conforme LOUREIRO (1997):

“vulnerabilidade socioambiental faz referência a condicionantes sociais e ambientais que podem significar predisposições ao risco ou a desordem para determinados indivíduos ou grupos. O autor caracteriza como *vulnerabilidade socioambiental* a situação de grupos específicos que se encontram: “(1) em maior grau de dependência direta dos recursos naturais para produzir, trabalhar e melhorar as condições objetivas de vida; (2) excluídos do acesso aos bens públicos socialmente produzidos, (3) ausentes de participação legítima em processos decisórios no que se refere à definição de políticas públicas que interferem na qualidade do ambiente em que se vive” (p.48).

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Outro ponto que deve ser destacado a importância da relação: ensino, pesquisa e extensão, que tem contribuído com novas perspectivas de intervenções da Universidade na Comunidade.

Na perspectiva do ensino, devemos ressaltar que a academia tem o dever de formar não apenas profissionais de áreas específicas, mas também cidadãos comprometidos, pessoas conscientes das problemáticas atuais e da sua responsabilidade individual dentro do contexto que estão inseridos. Como afirma OLIVEIRA, é preciso pensar em formar cidadãos para a prática e não só para passar sua vida profissional inteira colocando no papel suas idéias e asserções.

Instituições de Ensino Superior produzem muito conhecimento sobre a problemática de resíduos, mas poucas conseguem efetivar um programa de coleta seletiva no ambiente universitário. Quando possuem tais programas apresentam dificuldades de disseminação da conscientização neste ambiente, não é diferente na Universidade Federal do Rio Grande. O projeto Reciclar é Vida também se deparou com esta realidade, e busca ao longo dos anos superar tal dificuldade, utilizando-se de ferramentas como cursos, exposições, campanhas de marketing, entre outros.

Com efeito, a pesquisa é mais um aspecto do tripé, que deve ser articulado com ensino e extensão, onde suas ações se complementam e contempla a proposta de âmbito universitário. Nessa perspectiva, se percebe a importância do papel da universidade que busca com a pesquisa a fomentação de trabalhos voltados para a comunidade em geral que propicie políticas públicas através da formação de profissionais que não estejam despreparados, pois a visão de mundo é algo indissociável da teoria, pois tudo o que a comunidade faz não é nada a mais ou a menos do que a prática que precisamos prover na Universidade (OLIVEIRA, p.79, 1995).

Com essa noção, partimos para a problemática da extensão, que é a parte prática do aprendizado realizado através da teoria. A extensão serve para aproximar a comunidade acadêmica da sociedade, serve para quebrar as barreiras dos antigos e fechados métodos e instaurar um processo educativo de transformação. Entre os argumentos daqueles que não aprovam sua inserção dentro da realidade educacional, está o fato de que a extensão tornaria o conhecimento do universitário mais local, dedicado a resolução de problemas banais e que aquele que se dedica exclusivamente a teoria, saberá agir diante de qualquer situação devido ao intenso estudo (MORAES, 1998), o que é absurdo afirmar.

Como diz FREIRE:

quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, isso nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a *palavra*. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões; ação e reflexão, de tal forma solidária em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentem, imediatamente, a outra. A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em palavreria, verbalismo, blablablá. Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira

sem compromisso de transformação, nem este sem ação. (FREIRE, p.44 ,1987)

Assim sendo, refutamos a asserção de que a teoria, mesmo que intensificada, basta para saber lidar com o mundo fora dos muros da universidade, pois para lidar com o mundo, julgamos essencial conhecê-lo. E temos a plena certeza que com uma boa docência o saber, o conhecimento, pode ser esmiuçado a partir da mais ínfima atitude. Dessa forma, ratificamos que é necessária a aceitação dessas indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão para o pleno aproveitamento do aprendizado pelo discente e para a evolução da universidade, enquanto realmente um espaço de ensino. Ou seja, devemos nos desprender dos preconceitos e ensinar para o trabalho, para o mundo e para a vida.

A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA SOCIOAMBIENTAL

Entre todas as possibilidades de ação dentro das Instituições de Ensino Superior, destacamos aqui aquelas instigadas pela preservação da sociedade e do ambiente. Logo, também defendemos o papel das Universidades enquanto espaço de fomento da consciência socioambiental. Visto que, a conservação da qualidade do meio ambiente e, conseqüentemente, da qualidade de vida, tem sido uma preocupação da sociedade desde há algum tempo. Intensifica-se, com isto, a demanda por atividades que estimulem o desenvolvimento de uma consciência ambiental, não só ecológica, do ponto de vista da natureza, mas também visando às questões social, cultural e econômica relacionada à existência do homem (AMÂNCIO, p.1, 2005).

Dessa forma, acreditamos, e apostamos, na idéia que a educação tem a função de fomentar nos sujeitos sociais uma prática social transformadora, e por isso, julgamos pertinente a sociedade avaliar se esse papel tão importante vem sendo cumprido, principalmente dentro das universidades, que tanto podem fazer em prol desse ideal. Devemos lembrar que o “educar” aqui entendido, se define, em concordância com LOUREIRO (2004), pela unicidade dos processos que problematizam os atributos ambientais, culturais e relativos à vida, quando repensa os valores e comportamentos dos grupos sociais; com os que agem nas esferas política e econômica, quando propicia caminhos sustentáveis e sinaliza para novos padrões societários.

Partindo da nossa experiência, lembramos que muito mais poderia ser feito se houvesse a almejada conscientização ambiental de toda comunidade acadêmica. Visto que, não basta ter recipientes ou os melhores programas de coleta seletiva, se não há participação, pois integrantes da comunidade universitária permanecerão sem a devida orientação, misturando o lixo, ou jogando-o no chão, além de ignorarem qualquer boa idéia que possa ser colocada em pratica.

Porém, sabemos que essa transformação é um trabalho árduo, pois o desleixo com o amanhã já está impregnado culturalmente, porque as pessoas crescem em meio a hábitos totalmente distorcidos e asserções completamente errôneas sobre preservação e consciência. É importante frisar que temos o entendimento que a responsabilidade pelo meio que vivemos é de todos, mas acreditamos que para quem possui as oportunidades de conhecer e transformar em práticas coletivas esse conhecimento não se pode admitir que meçam esforços para a divulgação deste a toda sociedade. (NOBRE, p.10, 2006)

Além disso, sabemos que seus resultados não aparecerão efetivamente em um ou dois anos, mas mesmo assim enfatizamos que está na hora de começar essa transformação. Motivos não faltam, pois é de conhecimento geral o caminho que o planeta está traçando, estamos vivendo em uma sociedade desequilibrada ambientalmente e desigual culturalmente, e isso tem que começar a ser modificado a partir de agora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, o presente artigo foi construído como uma tentativa de alertar aquele que lê sobre seu contexto e papel socioeconômico dentro da realidade atual e, principalmente, sobre a responsabilidade que a academia possui nessa mesma perspectiva.

Discutimos, também, a questão do ensino, pesquisa e extensão como algo indissociável e necessário de ser trabalhado nas Instituições de Ensino Superior. Visto que acreditamos que o verdadeiro ensino é aquele que prepara não somente para a profissão, mas também para a vida, para o amanhã. Contudo, para alcançar esse nível de educação nossas instituições devem valorizar o ensino e a pesquisa, associados à prática, idéia que ainda enfrenta muitos preconceitos, fato que podemos observar empiricamente em diversas universidades através do baixo número de trabalhos de extensão.

Assim sendo, expomos no decorrer desse trabalho alguns pontos que percebemos serem essenciais a qualquer discussão sobre o papel universitário no contexto atual. Pretendemos com isso, fomentar a reflexão de profissionais da área sejam eles, professores, alunos, administradores e também a própria população que pode, e deve cobrar esse papel de nossas universidades, pois realmente acreditamos que somente por meio dessa educação transformadora, nossos futuros profissionais poderão modificar efetivamente o caos que instauramos devido nossa ignorância e educação metódica.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, C. O Porquê da Educação Ambiental. **Net**, 2005. Disponível em: <http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=272>

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987, 44p.

LOUREIRO, C. F. **Educação Ambiental Transformadora**. Erechim: Editora Edifapes, 2004.

MORAES, R. C. **Educação e Sociedade**. Universidade Hoje- Ensino, Pesquisa e Extensão. Campinas, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173301998000200003&script=sci_arttext&tlng=pt

NOBRE, L. **O lixo da universidade gerando trabalho e renda: mais um ideal a ser perseguido**. Rio Grande, 2006.

NOBRE, L. **O destino dos resíduos sólidos da FURG**. Rio Grande, 2007.

OLIVEIRA, A. D. **Prá não dizer... que só falei de lixo**. Rio Grande: Editora: FURG, 1993.

OLIVEIRA, A.D. **Aplicação da metodologia Gaia aos resíduos sólidos de Rio Grande**, Rio Grande, 1999.